

PARA ALÉM DO *QUEER*, MULTIDÕES TRANSVIADAS: PENSANDO OS CORPOS DISSIDENTES A PARTIR DO SUL GLOBAL

Bruno Pacheco

Universidade Estadual De Santa Cruz – UESC (Brasil)

Endereço eletrônico: pacheco.letras@gmail.com

INTRODUÇÃO

2451

Ao longo dos anos, temos nos valido de expressões estrangeiras para nomear tanto conceitos quanto teorias. Este efeito colonial acontece principalmente na academia, lugar de pesquisas e estudos muitas vezes cristalizados. No entanto, o uso dessas expressões vai muito além, reverberando sobre as condições epistemológicas do seu uso, e trazendo consigo toda cultura agregada ao idioma dessas palavras.

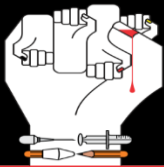
Nos campos dos estudos de gênero e sexualidade, o uso de nomes, expressões e neologismos manifestam-se de forma contundente, advindas de obras traduzidas para o português brasileiro. A expressão *queer*, por exemplo, foi utilizada pela primeira vez por Teresa De Lauretis¹, feminista italiana, em seus estudos sobre gays e lésbicas. A proposta da estudiosa foi ressignificar o termo tido como estranho, monstruoso. Ser chamado de *queer*, nos Estados Unidos, é possuir um corpo fora da linha reta da heteronormatividade.

Para tanto, este texto pretende discutir o conceito de *queer* no Brasil, bem como o termo cunhado por Paul Preciado, *Multidões Queer*, pensando em uma (re)configuração e adaptação para *Multidões Transviadas* a partir dos “Estudos Transviados” da escritora brasileira Berenice Bento.

METODOLOGIA

Este estudo parte de uma perspectiva bibliográfica, a qual busca analisar e apresentar como o termo *Queer* serviu de nome para os estudos de gênero e sexualidade a partir do norte global, disseminando-se por diferentes países mesmo não havendo tradução direta da expressão. Nesse sentido, pretendo mostrar as aproximações e

¹ De acordo com Santos (2006, p. 06): “A expressão ‘teoria queer’ é atribuída a Teresa de Lauretis, no seu artigo “Queer Theory: Lesbian and Gay Sexualities” publicado em 1991 na revista *differences*. Contudo, três anos depois a autora renunciou ao conceito, por considerá-lo desprovido de significado [...]”



distanciamentos do termo *Queer* nos estudos realizados no sul global, pensando na proposta de Paul Preciado em utilizar o termo *Multidões Queer* ao tratar da comunidade LGBTQIAP+ que se junta para lutar por direitos e, acima de tudo, ocupar espaços na sociedade, procurando sempre subverter a ordem canônica da heterossexualidade que molda nossos corpos e os fazem seguir por linhas retas, deixando às margens aqueles destoantes do padrão cisnormativo e patriarcal. Ademais, me valho da proposta de “Estudos Transviados”, da escritora Brasileira Berenice Bento que questiona o uso de termo *Queer* no Brasil. Apoiando-me em Bento (2014) e Preciado (2011), proponho o termo *Multidões Transviadas* para englobar os corpos sapatões, travestis e viados, todos latino-americanos. Por fim, ressalto: ser *transviada* não é a mesma coisa que ser *queer*.

2452

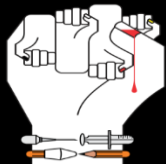
RESULTADOS E DISCUSSÃO

Teresa de Lauretis, grande estudiosa de gênero e sexualidade, utilizou o termo *queer*, pela primeira vez, para designar corpos destoantes do padrão heteronormativo presente ideologicamente na sociedade. *Queer* trata-se de uma expressão do dialeto estadunidense para referir-se aos corpos errantes e não condizentes com o ‘c’istema heteropatriarcal. Em uma tradução livre, *queer* pode significar “estranho”, “monstro”, “anormal” etc., definindo sempre o negativo, aquilo que a sociedade abomina por ser tido como subalterno. No entanto, como método de resignificação, *queer* começou a ser utilizado pelos corpos desviantes com intuito de subverter a ordem, isto é, quebrar o ciclo performativo da linguagem, a qual trazia um significado negativo sobre a palavra. O que antes era tido como insulto, tem-se agora um elogio, um empoderamento resignificado sobre corpos estranhos.

De acordo com Pedro Paulo Gomes Ferreira,

a expressão queer [é] utilizada como forma de autodesignação – repetindo e reiterando vozes homofóbicas que assinalam a abjeção daquele que é denominado queer, mas descontextualizando-as desse universo de enunciação, já que se atribui valores positivos ao termo transformando-o numa forma orgulhosa de manifestar a diferença [...]. (2012, p. 372, grifo nosso).

Esse processo de resignificação não é estranho a nós latino-americanos e brasileiros. Temos feito, em nosso país, diversas resignificações com termos pejorativos utilizados para nos reprimir e nos desvalorizar. À exemplo disso, a escritora travesti, doutora em Crítica Literária, Amara Moira, rompe o performativo linguístico



do termo puta, ao ressignificá-lo em sua obra *E Se Eu Fosse Pura*, como se pode ver abaixo.

Vinte minutos, nem tanto, e eu já de volta à rua, euforia gritando, ainda em choque com o que descobri em mim, essa talvez vocação pra ganhar dindim dando tesão: meus primeiros reais na rua, enfim puta, o dever cumprido, emoção bastante pra uma noite só, quase pensando em já voltar pra casa. [...] Travesti que se descobre escritora ao tentar ser puta e puta ao bancar a escritora. (MOIRA, 2018, p. 17-18)

O exemplo da ressignificação na obra da escritora Amara Moira me faz refletir sobre os termos pejorativos presentes em nossa língua, necessitando, contudo, de passar por um rompimento performativo linguístico para receber, contudo, um novo significado com valores positivos.

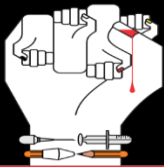
Berenice Bento, pioneira nos estudos sobre gênero e sexualidade, dedicou-se a analisar como os corpos desviantes eram subalternizados, principalmente os corpos travestis, em se tratando do reconhecimento de sim, isto é, de se reconhecer enquanto mulher com pau e que borra as normas judaica-cristãs e heteropatriarcais. Para a autora, o 'c'istema heteronormativo implanta na comunidade LGBTQIAP+ a seguinte ideia:

A bicha, o sapatão, a trava, o traveco, a coisa esquisita, a mulher-macho, devem ser eliminados. Isso faz com que haja um horror, um medo profundo de ser reconhecido como aquilo que retiraria de si qualquer possibilidade de ser amado/a. [...] nossas subjetividades são organizadas a partir de um heteroterrorismo reiterado. [...]. (BENTO, 2014, p. 0)

Baseado na afirmação da autora, os termos “bicha”, “sapatão”, “traveco”, “coisa esquisita” e “mulher-macho” ainda possuem carga semântica pejorativa, a provocar um medo, ou melhor, um “heteroterrorismo”, causando receios ao utilizá-lo para descrever orientações sexuais e desejos afetivos. A convite da *Revista Cult*, Berenice Bento discorre um texto sobre a expressão *queer*, colocando-a em contraponto com a realidade latino-americana, sobretudo brasileira. Berenice nos mostra como o termo *queer* está distante da realidade dos corpos desviantes brasileiros. Para ela,

Queer” só tem sentido se assumido como lugar no mundo aquilo que serviria para me excluir. Portanto, se eu digo queer no contexto norte-americano é inteligível, seja como ferramenta de luta política ou como agressão. Qual a disputa que se pode fazer com o nome “queer” no contexto brasileiro? Nenhuma. (BENTO, 2014, p. 0)

Para Bento, *queer* é um termo ininteligível aos corpos desviantes latino-americanos porque não os ressignificam, ou melhor, não subvertem o ato performativo negativo da carga semântica. Melhor dizer, quando se usa a expressão *queer* para



descrever um corpo travesti, sapatão, viado etc., o sentido não é o mesmo. O que seria uma resignificação, torna-se um embelezamento estrangeiro para referir-se aos corpos desviantes.

Em alguns textos eu tenho trabalhado com a expressão “estudos transviados”. A minha língua tem que fazer muita ginástica para dizer queer e não sei se quem está me escutando compartilha os mesmos sentidos. Ser um transviado no Brasil pode ser “uma bicha louca”, “um viado”, “um travesti”, “um traveco”, “um sapatão”. Talvez não tivéssemos que enfrentar o debate da tradução cultural se reduzíssemos os estudos transviados ao âmbito (muitas vezes) bolorento da academia, transformando-o em um debate para iniciados, mas aí seria a própria negação deste campo de estudos que nasce com o ativismo, tensiona os limites do considerado normal e abre espaço para uma práxis epistemológica que pensa novas concepções de humanidade. (BENTO, 2014, p. 0)

2454

Desse modo, Bento nos propõe uma expressão brasileira. Algo que descreve nossos corpos. Mais que isso: uma expressão com todas as cargas semânticas negativas possíveis de serem resignificadas.

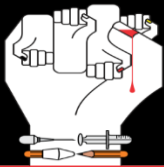
Em 2011, a autor espanhol, Paul B. Preciado², escreve um artigo intitulado *Multidões Queer*, a fim de discutir a união de diferentes corpos falantes na luta contrassexual da sociedade biopolítica farmacopornográfica, buscando o rompimento heteronormativo hegemônico. Nas palavras de Preciado (2011, p. 14),

O corpo não é um dado passivo sobre o qual age o biopoder, mas antes a potência mesma que torna possível a incorporação prostética dos gêneros. A sexopolítica torna-se não somente um lugar de poder, mas, sobretudo, o espaço de uma criação na qual se sucedem e se justapõem os movimentos feministas, homossexuais, transexuais, intersexuais, transgêneros, chicanas, pós-coloniais... As minorias sexuais tornam-se multidões. O monstro sexual que tem por nome multidão torna-se *queer*.

Preciado propõe uma multidão realizada por minorias. Uma multidão de corpos que foge às normas e que criam fissuras na ordem heteropatriarcal. Esses corpos falantes que, ao se juntarem, recebem o nome de multidão, tratam-se de corpos *queer*, pois são “homossexuais”, “transexuais”, “intersexuais”, “transgêneros”, “chicanas” etc. Tais termos utilizados para designar os corpos minoritários fazem parte do idioma estrangeiro, longe da linguagem latino-americana brasileira.

Dessa maneira, com base em Mitidieri, Camargo e Lima (2020), os quais pensam a partir de uma (re)configuração transviada; com Bento (2014), propondo um

² Preciado, em 2011, ainda não havia realizado o processo de transição de gênero, tampouco utilizava o nome social “Paul”.



estudo transviado, com Preciado (2011) a partir da ideia multidões, e pensando na perspectiva de uma ética bixa (VIDARTE, 2019), o termo *Multidões Transviadas* descreve a realidade brasileira sobre ser um corpo sapatão caminheira, bixa ou viado, travesti, vadia e puta. Todos os corpos transviados das ruas, becos e vielas do Brasil. Corpos que ressignificam seus insultos a partir das suas vivências – muitas noturnas, nas pistas, nos shows –, muitas vezes não conhecendo a definição de *queer*. Na verdade, esses corpos estão nem aí para o *queer*. Eles querem ser, a todo tempo, corpos transviados e errantes e partir da nossa cultura latina miscigenada.

2455

CONCLUSÃO

Pretendi neste texto mostrar o desdobramento de *queer* no Brasil a partir de uma análise acadêmica e também cultural. Em uma sociedade em que há viado, sapatão, travesti, pretos etc., o *queer* não os definem enquanto corpos destoantes. Na teoria acadêmica, a expressão *queer* se encaixa muito bem, em se tratando dos estudos de gênero e sexualidade. No entanto, na prática, o que podemos ver é uma realidade distante das prateleiras universitárias.

Pensar em *Multidões Transviadas* é acolher, em nossa sociedade, os corpos distintos da expressão *queer*, pois o termo estadunidense não diz nada sobre eles, não falam de si, não descrevem suas realidades a partir do contexto brasileiro. Neste texto, os convido para sermos multidões – *Multidões Transviadas* – compostas por bixas pretas, sapatões caminhoneiras, travestis putas (ou não). Sejamos uma *multidão transviada* lutando pelos nossos corpos transviados.

PALAVRAS-CHAVE: Multidões Transviadas. Sul Global. (Re)Configuração. Corpos Dissidentes.

REFERÊNCIAS

BENTO, Berenice. Queer o quê? Ativismo e estudos transviados. In: Dossiê Teoria Queer: o gênero sexual em discussão. **Revista Cult**, ano 17, n. 193, p. 43-46, 2014.

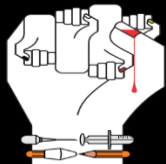
MITIDIARI, André Luis; FIGUEIREDO CAMARGO, Fábio; ASSIS LIMA, Marcus Antônio. Das configurações homoeróticas às re(con)figurações transviadas. In: MITIDIARI, André Luiz; CAMARGO, Fábio Figueiredo; SACRAMENTO, Sandra. (Org.). **Revisões do Cânone: estudos literários e teorias contra-hegemônicas**. 1ed. Uberlândia: O Sexo da Palavra, v. 1, 2020.

Realização:



Apoio:





MOIRA, Amara. **E se eu fosse pura**. São Paulo: Hoo, 2018.

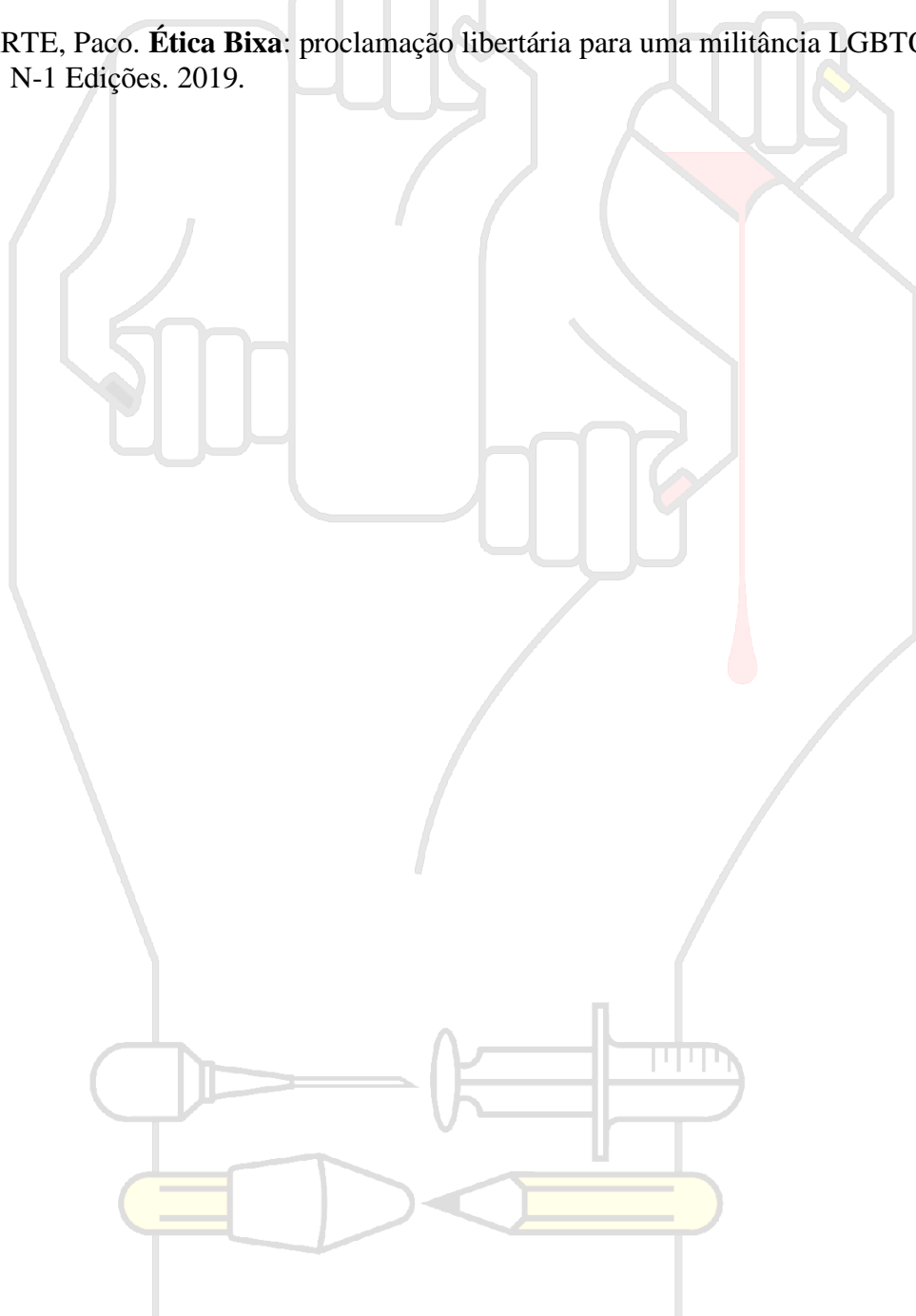
PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Queer nos trópicos. Contemporânea, **Revista de Sociologia da UFSCar** (2), 2012, pp.371-394.

PRECIADO, Beatriz. **Multidões queer**: notas para uma política dos “anormais”. Estudos Feministas: Florianópolis, v.19, n.1, jan./abril, 2011.

SANTOS, Ana Cristina. Estudos *queer*: Identidades, contextos e acção colectiva. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. v. 76. p. 03-15, 2006. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/813>. Acesso em 10 mai. de 2022.

VIDARTE, Paco. **Ética Bixa**: proclamação libertária para uma militância LGBTQ. São Paulo: N-1 Edições. 2019.

2456



Realização:



Apoio:

